

**Charles Van Engen, *Povo Missionário, Povo de Deus: Por uma Redefinição do Papel da Igreja Local* (São Paulo: Editora Vida Nova, 1996) 251 pp., traduzido por Fabiani S. Medeiros do original inglês *God's Missionary People: Rethinking the Purpose of the Local Church* (1991).**

Charles Van Engen é professor de missões na Escola de Missões Mundiais do *Fuller Theological Seminary* nos Estados Unidos. Este seu livro foi publicado em 1991 nos Estados Unidos pela Baker Book House sob o título *God's Missionary People: Rethinking the Purpose of the Local Church*. Chamo a atenção para o fato de que a tradução do título em português não reflete fielmente o propósito do autor. O propósito de Van Engen não era primariamente *redefinir* o papel da igreja, como se o escritor estivesse sugerindo uma nova eclesiologia. Sua proposta é reavaliar pela perspectiva bíblica, histórica, "missioteológica" (*missio Dei*), e prática, a natureza, o propósito, e o plano de Deus para a igreja local.

O livro está dividido em três partes: 1) igrejas locais: povo missionário de Deus; 2) igrejas locais: uma nova visão do povo missionário de Deus; e 3) igrejas locais: tornando-se povo missionário de Deus. Van Engen usa dezesseis figuras através do seu livro para ilustrar didaticamente os principais pontos do seu trabalho. Na primeira parte ele reflete sobre o assunto da perspectiva contemporânea, bíblica, histórica, e missiológica da missão da igreja local. Na segunda parte do livro, Van Engen discute sobre o propósito e o papel da igreja local, considerando a eclesiologia pela "perspectiva multifacetada" da razão de ser da Igreja, no que diz respeito à sua participação no mundo "por meio da koinonia, quérigma, diaconia, martíria" (p. 112 – comunhão, proclamação, serviço e testemunho) como "comunidade pactual do rei", ou no contexto do reino de Deus no mundo. Na última parte do livro, ele examina "algumas das questões organizacionais e estruturais que surgem quando intencionalmente construímos o tipo de congregação missionária" (p. 165), a qual é visualizada pelo autor nas outras duas partes.

Uma das grandes contribuições de Van Engen é trazer a discussão eclesiológica para o contexto missiológico e vice-versa. O assunto é valioso para este final de século porque, devido ao número de agências missionárias sem qualquer vínculo denominacional, a igreja local como agente missionário tem sido relegada a um plano que não é bíblicamente defensável, nem exegeticamente aceitável. Muitas agências, organizações e instituições missionárias se vêem a si mesmas como os agentes missionários de Deus, agindo como se as igrejas locais fossem apenas celeiros de candidatos e fonte de suporte financeiro. A implicação torna-se óbvia: a eclesiologia não é assunto sério na discussão das agências, organizações e instituições missionárias indenominacionais. As discussões são apenas em termos de como o relacionamento entre elas e as igrejas locais deve ser desenvolvido. A discussão a nível exegetico, teológico, e histórico fica muito a desejar.

Por outro lado as igrejas locais se divorciam da própria natureza, propósito, e papel como comunidade pactual do Rei neste mundo e na missão do Rei. Assim, "no pensamento da grande maioria dos cristãos, as palavras 'igreja' e 'missão' denotam dois tipos diferentes de sociedade" (p. 33).

A terceira parte do livro, embora seja a parte prática, é a mais fraca, devido à uma pressuposição, no meu entender, semi-arminiana, que parece sustentar toda a sua argumentação. Esta pressuposição semi-arminiana é claramente percebida pela

abordagem sociológica, antropológica, e administrativa da igreja nesta parte do livro.

A tese principal do livro, que, infelizmente, não foi bem traduzido, é que à medida em que as congregações locais são estabelecidas a fim de alcançar o mundo através da missão (*in mission*, singular), elas se tornam de fato o que elas já são pela fé: povo missionário de Deus (cf. p. 20). Charles Van Engen não usa o plural "missões," e com razão. Missiologistas evangélicos geralmente fazem, ou pelo menos deveriam fazer, uma distinção entre "missão" no singular e "missões" no plural. Quando nos referimos a "missão" no singular, queremos ressaltar a *missio Dei*. Quando o termo "missões" no plural é usado, geralmente os missiologistas evangélicos se referem aos *diversos meios* através dos quais a *missio Dei* é realizada, ou, no caso dos ecumênicos, liberais, e alguns católicos romanos, as *diversas formas* pelas quais a *missio Dei* se apresenta de acordo com as diferentes circunstâncias e contextos.

Outros problemas de tradução podem ser observados. Alguns manifestam uma falta de conhecimento da terminologia missiológica usada pelo autor; outros problemas são simplesmente o resultado de um português mal construído. Por exemplo: "As congregações de todo o mundo somente adquirirão nova vida e vitalidade quando . . . e a atuação missionária somente pela qual descobrirão a própria natureza como povo de Deus no mundo de Deus" (p. 25).

Embora Van Engen tente colocar o movimento do "crescimento da igreja" numa perspectiva mais orgânica e dinâmica, ele não consegue convencer bíblica e exegeticamente que "o anseio pelo crescimento numérico" (p. 103) ou "o anseio dos cristãos por crescimento numérico" (p. 103) seja uma preocupação essencialmente bíblica.

Van Engen, às vezes, também, dá a impressão de identificar a igreja com o reino de Deus e o crescimento da igreja com o crescimento do reino de Deus — outro assunto que deixa muito a desejar na exegese do autor.

Leitores dentro da tradição reformada se sentirão frustrados com a maneira pela qual Van Engen declara a natureza da igreja como essencialmente missionária e não de adoração. Neste sentido, alguns críticos americanos estão certos, pois, na realidade, Van Engen escreve muito pouco sobre o aspecto de adoração e liturgia no contexto da eclesiologia bíblica, sem ressaltar, também, que a adoração é um dos fatores essenciais na motivação missionária da igreja. Afinal de contas, cremos que "o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre."

Van Engen, entretanto, prestou um serviço magnífico no setor missiológico pelo fato de pesquisar a literatura missiológica desde 1960. Sua revisão da literatura inclui a contribuição de eruditos europeus, americanos, latino-americanos, asiáticos, etc. Além desta literatura multiétnica que foi considerada, o escritor também explorou o pensamento de missiólogos e teólogos de diversas tradições: evangélicos em geral, liberais, reformados e católicos. Esperava, entretanto, que ele fosse mais crítico sobre a literatura usada e sobre os autores mencionados.

— *Elias dos Santos Medeiros*